

Letrário**editora*

Livros de Areia

Pedro Jubilot

Agosto 2008



Interrogava-se Xavier acerca do porquê de se levarem livros para a praia, quando nesta raramente se consegue a tranquilidade necessária para o acto de ler. São os grãos de areia que aparecem nas diversas páginas e que parece que vão riscá-las, vindos naturalmente dos passos dos banhistas e de toalhas que se sacodem por perto, ou de uma ou outra rajada de vento ainda que fraca e breve. ...E se as crianças sempre correm e levantam os grãos de areia como minúsculas balas enviadas ao acaso. Gritam excitadas por muitas razões e sem razão. O que fazer? No fundo, a praia é o pedaço de mundo por excelência que foi inventado para elas, e que nós tomamos de assalto em cada Verão, para ver se ainda conseguimos trazer à memória esse tempo de quando éramos reis. O mar, quente ou frio, é ainda e sempre do seu domínio, por isso constroem castelos e fortalezas à beira-mar, num árduo trabalho de vai-e-vem de carregar baldes de água e areia. A tarefa é sempre recompensada com bolas de Berlim e gelados.

O seu a seu dono, mochila arrumada seguida de retirada estratégica para a esplanada, onde o gosto que se saboreia na mistura conseguida num *cappuccino*, bebido frente ao mar à tarde na praia, é o que agora de mais parecido Xavier consegue ter de infância. Abre o livro tentando libertar-se dos grãos de areia adquiridos e começa a leitura, agora que a maior parte dos veraneantes está de saída. Atingida a página 76, acontece algo que filmado seria depois forçosamente misturado em câmara lenta: – são três raparigas de uma mesa atrás da sua que se levantam de repente uma atrás da outra; a última das raparigas ao passar toca no braço de Xavier, fazendo cair o livro ao chão, com a capa virada para cima, e essa mesma rapariga, aflita com o disparate cometido, apronta-se a apanhar o livro. Mas estranhamente fica de joelhos agarrando-o com muita força com ambas as mãos.

Xavier diz-lhe que não há problema, não tem razão para se preocupar, que está tudo bem. Mas quando a rapariga levanta a cara, percebe que o seu rosto é o título do livro: *Olhos Verdes Cabelo Castanho*. Ele estende então a mão direita para receber o livro, mas a rapariga não demonstra qualquer intenção de o devolver.

Não te posso dar o livro, perdi o meu há mais de seis meses e desde então tenho tentado desesperadamente comprar um novo livro para o acabar de ler, desabafa ela nervosamente.

Dê-me o seu contacto, posso emprestá-lo quando terminar, daqui a dois dias talvez, o livro é pequeno e se calhar ainda vai cá estar de férias, tentou Xavier, para amenizar o estado da rapariga.

Mas é que é muito importante para mim saber o resto do livro, não percebes.

Xavier sabia como encontrar livros, mesmo os difíceis, e começou a ceder quando se apercebeu de que a bela rapariga à sua frente parecia saída do romance.

Eu já ia na página 100, tens de mo emprestar, posso lê-lo todo hoje, e amanhã venho aqui devolvê-lo à hora que quiseres. Não me podes fazer isto, tem de ser.... Como é que te chamas?

Xavier Almeida... e tu?

Madalena. E virando-se para as amigas que tinham ficado estarecidas perante a situação, como que na presença não de um mas de dois desconhecidos, disse-lhes com um sorriso meio amarelo, podem ir andando, eu já lá vou ter. E então Xavier? Vais emprestá-lo ou não? Por favor, peço-te por tudo o que há de mais sagrado, pela tua saúde...

Pronto, calma...E como é que eu sei que já leste o livro? Que não se trata apenas de uma coincidência? Preciso de uma prova...dá-me uma prova qualquer...

Está bem, de acordo. Confio em ti, se queres mesmo emprestar-me o livro, mas tens de ler até à página 100, como eu. Vou dar um mergulho com as minhas amigas. Depois venho aqui...está bem? Espera por mim.

Xavier anuiu com a cabeça, recebeu o livro das mãos de Madalena, que não o havia largado durante a conversa, e continuou a leitura atentamente. Quando ela chegou já ele a esperava de livro fechado sobre a mesa e marcado na página 100 como combinado.

Vês como o livro é importante? Num instante devoraste as páginas com curiosidade. Xavier levantou-se, agarrou o livro e esticou o braço na direcção de Madalena inquirindo-a acerca da prova.

Madalena, não o fez esperar. Deu um passo em frente. Beijou-o, durante alguns segundos. Página 98, disse ela. Seguiu depois confiante levando na mão o tão desejado livro. Venho cá amanhã trazê-lo.

Xavier, que pouco dormiria na noite da seguinte manhã foi a primeira pessoa a chegar à porta da biblioteca municipal, esperando que a abrissem, debaixo de um sol que já sentia muito quente. Seria mais fácil encontrar ali um exemplar do livro do que procurá-lo nas poucas livrarias da pequena cidade. A sorte, pode dizer-se, estava do seu lado, já nas suas mãos, ali à frente dos seus olhos verdes. No entanto, sabia que tinha todo o dia para acabar o livro, e que a melhor maneira era lê-lo devagar, atentamente. Comeu qualquer coisa, viu algumas revistas e até adormeceu num dos sofás. Depois de terminada a leitura verificou que era tempo de partir para o seu encontro. Foi lavar a cara para despertar. Penteou os cabelos castanhos e seguiu para a praia. Esperou na

esplanada, mais ou menos na mesma mesa do dia anterior. Quem chega primeiro sempre pensa que o outro vai faltar. E por isso sentiu-se um pouco triste, à semelhança do rapaz que não conseguiu rever a sua amante no fim da história.

Madalena sentara-se sozinha numa mesa atrás de Xavier, que pressentiu estar a ser observado e, quando a descobriu, reparou que a rapariga estava agora feliz. Ela levantou-se calmamente e foi sentar-se junto dele, devolvendo-lhe o livro tal como prometido.

E agora? Perguntou-lhe Xavier com um semblante triste e cansado.

Agora precisas descansar, mas eu vou contigo, meu amigo. Quero mostrar-te outras páginas do livro de que te privei, esclareceu Madalena. Deu-lhe a mão e foram-se embora juntos.

Afinal ele já lera o livro, ficando mais animado com o esclarecimento.

Nessa noite abraçaram-se como na página 105, beijaram-se como na página 114 e fizeram amor como na página 120. Foi o que ele lhe disse de manhã, tentando surpreendê-la.

Não, disse Madalena. Não se mostrando surpreendida, zangada ou arrependida. Foi melhor, muito melhor... nem tudo tem de ser como no livro, há vida para além dos livros, acrescentou a rapariga.

Na semana que se seguiu, amaram-se como noutras páginas que já foram escritas ou estão ainda por escrever.

O vento de hoje varreu as nuvens que ontem apenas ameaçaram a chuva que não chegou a acontecer e veio ajudar a limpar a costa que tinha ficado com algas, assim como veio refrescar os corpos que tinham ficado muito quentes e secos com o calor dos magníficos dias mediterrânicos anteriores. Depois que Madalena partiu, o vento começou a soprar muito forte de sudoeste, ou seja, do lado do farol do Cabo de St.^a Maria. Quando assim é, a areia da praia fica varrida e apesar de não estar frio, o desconforto provocado pela areia a picar no corpo faz com que as pessoas deixem a praia mais cedo e até os pequenos guerreiros do areal são obrigados a bater em retirada, com promessas de novos reinos encantados algures perto dali. A falta desse burburinho neste fim das férias de Verão faz Xavier sentir-se mais só e introspectivo. E voltar a pensar porque é que se lêem livros na praia, porque é que se levam livros para a praia?

A resposta não está na praia, nos grãos de areia, nem nas crianças, nem nas bolas de Berlim ou na mistura correcta dos ingredientes dum *cappuccino*. Agora já sabes, Xavier. Está tão-somente nos livros e no que se pode ler neles.

Fim



Pedro Jubilot, Olhão.1964

Professor e morador em Tavira.

Editor de fanzines nos anos 90.

Blogs: canalsonora.blogs.sapo.pt / estereoscopio.blogs.sapo.pt

pjubilot@hotmail.com

Letrário**editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letreiro.pt/1_pt/900/9001.htm

+ 351 21 711 20 20

letreiro@letreiro.pt